

Representações do / no tempo – nótula sobre *passados*

Maria Teresa Brocardo

Uma das noções básicas da linguística histórica é a de correspondência diacrónica (esquemáticamente representada como $X > Y$ ou $Y < X$), noção de tal modo intrínseca à disciplina que muitas vezes dispensam os autores, mesmo de textos de carácter introdutório, de a explicitar de forma clara e de chamar a atenção para os pressupostos que a definem. Alguns autores, no entanto, fazem notar que uma correspondência diacrónica, representando uma relação entre formas (genericamente) que se estabelece no tempo, não é / não representa a mudança linguística (cf., por exemplo, Joseph & Janda 2003: 13). Poderão sempre, claro, adotar-se diferentes tipos de formalizações metalinguísticas para representar a mudança, mas para o que aqui me importa assumirei apenas que a mudança é representável, e é representada, a partir das diferentes abordagens que interpretam as suas manifestações, atribuindo-lhes diferentes formas, trajetórias, funções, direcionalidades ... (Lass 1997: 290-304).

Como é sabido, a mudança linguística é muito frequentemente representada como inovação, mas na minha apresentação centrar-me-ei antes em mudanças que aparecem à partida como perdas (ou tendência para obsolescência de forma e/ ou valor). Assim, baseando-me em trabalho realizado e em curso sobre o passado e futuro do passado (mais-que-perfeito e condicional), procurarei mostrar como alguns aspetos da história destes tempos gramaticais em português podem ser interpretativamente representados como resultando de diferentes processos diacrónicos, e como é problemática a noção de correspondência diacrónica para representar de forma adequada as mudanças envolvidas.

Referências

- Lass, Roger (1997) *Historical Linguistics and Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press
- Joseph, Brian D. & Richard D. Janda (eds.) (2003) *The Handbook of Historical Linguistics*. Cambridge USA / Oxford UK: Blackwell